

RELAÇÕES DE GÊNERO EM LYGIA BOJUNGA

Rosânia Alves Magalhães (UFU)¹

RESUMO:

Este trabalho reflete sobre *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga, tomando por base os estudos sobre gênero. A narrativa aborda questões tais como o estupro, o suicídio, o feminicídio, bem como as relações de poder baseadas no modelo de dominação do masculino tradicional. O objetivo deste texto é refletir sobre a ideia de construção do masculino em nossa sociedade e identificar como essas representações das masculinidades contribuem para a discussão sobre a violência simbólica. Como aportes teóricos foram selecionados os textos sobre masculinidades e gênero dos seguintes autores: Robert W. Connell, Pedro Paulo de Oliveira, Judith Butler, Pierre Bourdieu, dentre outros. Esta pesquisa revelou que Lygia Bojunga apresenta em suas narrativas um cenário de violência simbólica contra a mulher e a construção estereotipada dos gêneros masculino e feminino, para que seu leitor reflita sobre a sociedade misógina na qual vivemos.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Literários; Gênero; Masculinidades; Corpo; Misoginia.

O presente artigo analisa a narrativa *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga, tendo como ponto de partida os estudos sobre gênero, objetivando compreender a ideia da construção das masculinidades, a partir da observação dos comportamentos e atitudes dos personagens masculinos e femininos em suas representações das masculinidades. Para Robert W. Connell (1995), gênero é uma estrutura ampla, que engloba a economia e o estado, a família e a sexualidade. De modo que, na construção das masculinidades definem-se culturalmente condutas e sentimentos apropriados aos homens, fazendo com que, a maioria dos rapazes internalizem essa norma social e adotem maneiras e interesses masculinos. Entretanto, como consequência há uma repressão de sentimentos, que pode ocasionar em violência, crise pessoal ou dificuldades nas relações com as mulheres. Portanto, é de extrema importância o reconhecimento da historicidade do gênero que deixou de ser considerado uma heresia e se estabeleceu em seu caráter histórico. “Essa consciência histórica constitui a característica distintiva da política da masculinidade contemporânea e o horizonte do pensamento contemporâneo sobre a masculinidade”. (CONNELL, 1995, p. 187). Além disso, o autor adverte para o fato de

¹Doutorando no programa de pós-graduação em Estudos Literários – PGLLET, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: rosanimag@ufu.br

que as formas de política da masculinidade envolvem uma relação com o feminismo, quer sejam de rejeição, coexistência ou de apoio.

Michael Kimmel (1998), recorrendo às palavras de Georg Simmel, afirma que a posição de poder dos homens assegura mais do que a superioridade sobre a mulher, criando um padrão que governa o comportamento de homens e de mulheres. Joan Scott (1990), por sua vez, salienta que a ideia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino.

De acordo com Connell (1995), existem dois aspectos importantes para pensar a masculinidade: a) as diferentes masculinidades são produzidas num determinado contexto social, em que as relações de gênero envolvem relações entre homens, de dominação, marginalização e cumplicidade; b) qualquer tipo de masculinidade é internamente complexo e contraditório. Dessa forma, “o gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias”. (CONNELL, 1995, p. 189). Nesta perspectiva, Pedro Paulo de Oliveira (2004) salienta que a masculinidade é apresentada como uma significação social e cultural que ordena comportamentos socialmente sancionados. Portanto, conforme expõe Anselmo Peres Alós (2012), a distinção entre sexo e gênero foi estabelecida pelo discurso feminista, quando demonstraram que os gêneros são produzidos no domínio da linguagem e da cultura, apesar das diferenças sexuais estarem situadas no âmbito da biologia.

Segundo Foucault (1978), os jogos da exclusão são constantemente retomados, séculos após séculos. “Pobres, vagabundos, presidiários e ‘cabeças alienadas’ assumirão o papel abandonado pelo lazarento, e veremos que salvação se espera dessa exclusão, para eles e para aqueles que os excluem”. (FOUCAULT, 1978, p.10). Assim, como a lepra e a loucura serviam para condenar indivíduos à margem, num dado momento da história, tudo aquilo que ameaça e desestabiliza o androcentrismo deve ser excluído no ideal de dominação do masculino. Portanto, conforme muda-se o discurso em diferentes culturas, “[...] com um sentido inteiramente novo, e numa cultura bem diferente, as formas subsistirão — essencialmente, essa forma maior de uma partilha rigorosa que é a exclusão social, mas reintegração espiritual”. (FOUCAULT, 1978, p.10)

Neste contexto, Pierre Bourdieu (2011) salienta que a condição da mulher na sociedade obedece a uma lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino.

Em que os homens continuam a dominar o espaço público e o poder, enquanto, as mulheres continuam restritas ao espaço privado. Pedro Paulo de Oliveira (1998), por sua vez, expõe a ideia de que a eficácia do estereótipo construído pelas diversas instâncias de representação simbólicas da sociedade auxilia na modelação de indivíduos à sua imagem e semelhança. De modo que mulheres e gays, cooperam de forma aberta ou veladamente, em seu papel de vítima, para com o carrasco em função da prevalência da hegemonia dos preceitos de um certo tipo de masculinidade. Portanto, conforme explica o autor, numa “performatização” de uma estrutura de gênero, tal como, o estupro, a mulher surge como algo a ser dominado e descartado.

Entretanto, Bourdieu (2011) expõe que o trabalho de construção simbólica não se limita a uma operação performativa de nominação que orienta e estrutura as representações, pois ele se realiza em uma transformação dos corpos que tende a excluir do pensamento tudo aquilo que pertence ao outro gênero, em especial, todas as virtualidades biologicamente inscritas, naquilo que o autor denomina de “perverso polimorfo”, que, segundo Freud, toda criança deve “[...] produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina”. (BOURDIEU, 2011, p. 33).

Neste contexto, Guacira Lopes Louro (2004) argumenta que personagens que transgridam o gênero e a sexualidade são importantes, por evidenciarem “o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades” (LOURO, 2004, p. 23). Além disso, são significativas porque sugerem “concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade. (LOURO, 2004, p. 23). Portanto, segundo a autora, alguns sujeitos, ao longo da vida se deixam tocar por possibilidades de toda ordem que o caminho oferece. Talvez por adivinharem que a trajetória não é linear ou ascensional. Entretanto, quando se inscrevem no terreno dos gêneros e da sexualidade, suas aventuras podem ser arriscadas, pois tratam-se de “dimensões tidas como ‘essenciais’, ‘seguras’ e ‘universais’ – que, supostamente, não podem/não devem ser afetadas ou alteradas”. (LOURO, 2004, p. 23). Os efeitos e impactos das experiências desses sujeitos repercute não somente em suas vidas, mas na vida de seus contemporâneos.

Em *Sapato de Salto* (2011), Lygia Bojunga aborda questões que perpassam desde a exploração sexual de menores, prostituição, suicídio, feminicídio assim como as relações familiares das personagens. O enredo inicia-se no espaço da casa de dona Matilde e seu Gonçalves que recebem Sabrina para desempenhar a função de babá. Desde o início, Sabrina foi advertida pela dona da casa de que não estava ali para

brincar e sim para trabalhar. O olhar da senhora em relação à menina sempre foi de desconfiança, conforme observa-se no trecho a seguir: “Uma menina assim sem pai, sem mãe, sem nada, será que presta? (BOJUNGA, 2011, p. 12). Nota-se que a desconfiança e raiva que dona Matilde sentia em relação à menina provinha da insegurança originada da infidelidade do marido. O poder demandado aos homens vai além da superioridade que exerce sobre a mulher, governa comportamentos de ambos os sexos. Como impossibilidade de mudar o marido, a senhora se antecipava como forma de evitar a traição, descontando sua raiva em Sabrina.

Ao contrário de dona Matilde, o personagem “seu Gonçalves” começou a conquistar a confiança de Sabrina oferecendo-lhe presentes, conforme trecho a seguir: “Um dia trouxe bala pra ela. [...] — o senhor até tá parecendo meu pai. Deve ser bom ter um pai pra dar bala e sabonete pra gente”. (BOJUNGA, 2011 p. 16). Seu Gonçalves, aproveitando-se da ingenuidade, imaturidade e vulnerabilidade de Sabrina concretiza o abuso sexual, conforme observa-se no trecho abaixo:

Entrou uma noite no quarto dela e se instalou na cama com jeito de quem está inventando uma nova brincadeira. Quando a Sabrina foi gritar de susto, ele tapou o grito com um beijo. E depois cochichou:
— Esse vai ser o nosso maior segredo, viu? — e foi brincando de roçar o bigode na cara dela.
[...] De dentro da risada saiu uma súplica:
— Que que há, seu Gonçalves? Não faz isso, pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz assim com a gente. — Conseguiu se desprender das mãos dele. Correu pra porta. Ele pulou atrás, arrastou ela de volta pra cama:
— Vem cá com o teu papaizinho.
— Não faz isso! Por favor! Não faz isso! — Tremia, suava. — Não faz isso!
Fez. (BOJUNGA, 2011, p. 22).

A menina tinha apenas 10 anos quando foi estuprada pela primeira vez. Sabrina acreditava que seu Gonçalves a considerava como filha. Note-se que, na concretização do abuso sexual, a menina poderia ter gritado, mas o narrador em 3ª pessoa adverte que o padrão instalou-se na cama dela como se estivesse brincando. Fica demonstrado que a menina acreditava na boa intenção do dono da casa, pois ela acreditava que ele a tratava como um pai. O homem como que amparado por um hipotético contrato social de poderio masculino, consome o estupro utilizando de ironia e crueldade ao remeter à expressão de paternidade no diminutivo, o que implica em um sentido mais sexual do que afetuoso. Submetida ao jugo pesado de uma sociedade patriarcalista que favorece

práticas de violência contra a mulher, como o estupro, Sabrina inicia sua vida sexual precocemente. Aprende desde cedo a se enxergar como objeto e vender seu corpo. Assim, após a violência, a menina passou a “tirar proveito da situação”, pois “[...] o grande segredo dos dois passou a animar a vida dele, a botar sombra nos dias dela; e de noite, tudo que é noite, a mesma tensão: ele hoje vem?” (BOJUNGA, 2011, p.21). A expectativa de Sabrina estava nos presentes que ganhava de seu Gonçalves cada vez que ele a visitava, conforme o trecho que segue: “Ei!? e o dinheirinho?” (BOJUNGA, 2011, p.26). Nota-se que a dominação masculina obedece a situações que se legitimam por características históricas e se perpetuam como fatos naturais e eternos que refletem na vida das mulheres de forma negativa.

A relação social de dominação masculina está baseada na divisão entre o masculino e o feminino em que as próprias mulheres confirmam continuamente o preconceito contra o feminino. Observa-se que dona Matilde é conivente com a traição do marido dentro da sua casa, entretanto, ela descontava sua raiva em Sabrina, conforme trecho que segue:

Dona Matilde deu pra repreender Sabrina cada vez com mais aspereza. Botou ela pra lavar prato, arear panela, esfregar chão, limpar vidro, varrer jardim. Na hora de cuidar das crianças a Sabrina não conseguia mais vencer o cansaço e volta e meia cochilava. Dona Matilde começou a bater na Sabrina cada vez que pegava ela cochilando. (BOJUNGA, 2011, p. 27).

Sabrina é submetida a uma carga maior de serviço, por dona Matilde, com o intuito de deixá-la exausta e sem ânimo para as investidas de seu Gonçalves. A menina cochilava na hora de cuidar das crianças e apanhava quando o fazia, pois, a dona da casa quer garantir que Sabrina não tivesse energia à noite para o seu próprio marido. Tratava-se de uma jovem cheia de vida e energia, que representava uma ameaça a dona Matilde. Dessa forma, a legitimidade da masculinidade hegemônica está vinculada a fatores históricos que são construídos e fixados pelos indivíduos que são vitimados, de modo que as próprias mulheres auxiliam a prevalência da tirania masculina. Tia Inês chega à casa da dona Matilde para buscar Sabrina, porém “[...] quando a Sabrina chegou mais perto pra dar um beijo de despedida, recebeu [de dona Matilde] uma bofetada na cara: — É pra você não se esquecer que eu não vou me esquecer. — E bateu a porta com a mesma força da bofetada”. (BOJUNGA, 2011, p.38). A agressividade de dona Matilde em relação à Sabrina, trata-se da eficácia do estereótipo criado pelas instâncias

de representação simbólicas da sociedade que modelam os indivíduos à sua semelhança. Ou seja, culpado não foi o homem que praticou o estupro, mas a menina que permitiu que isso acontecesse.

A lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino determina a condição da mulher na sociedade, onde, pela divisão social do trabalho, espaços públicos e posição de poder são reservados aos homens, enquanto, às mulheres ficam reservados os espaços privados, o cuidado da casa e a criação dos filhos. Outro casal na narrativa é Rodolfo e Paloma, Rodolfo culpava Paloma pela escolha do nome do filho, pois achava que o nome influenciava sua orientação sexual, conforme trecho a seguir:

“ [...] Se um dia eu tiver um filho ele vai se chamar Andrea Doria. E nem por momento me ocorreu que alguém pudesse achar que Andrea Doria era nome de mulher. Mas o Rodolfo achou. — E até hoje acha. E sempre que a gente discute ele bate outra vez nessa tecla. E nesse dia que ele viu o Joel e o Andrea se beijando ele ficou doidinho: disse que ia dar uma surra no menino pra ele aprender que homem não é coisa de outro homem beijar na boca. E quanto mais eu pedia calma e mostrava pra ele que o Andrea Doria estava ali perto ouvindo, mais ele me acusava de não ter cortado, desde pequenininho, esse gosto que o Andrea tem pra dançar, “tem mais é que jogar futebol! Tem mais é que chutar bola pra aprender a ser homem! ” [...] Eu queria argumentar com ele, pedir, por favor, pra gente conversar esse assunto de outro jeito, mas tudo que eu queria falar acabou trancando aqui na garganta, feito, feito... (BOJUNGA, 2011, p. 72-73).

O pai estava descontente com as escolhas de Andrea Doria, pois em sua concepção o filho não tinha aprendido a ser homem. E responsabilizava a mãe, pelo resultado da criação do filho. Trata-se de um personagem marcado pelas características preponderantes daquilo que se pode nomear de machista. Repara-se que os estereótipos da dominação masculina aparecem sob várias roupagens, segue abaixo relato de sua esposa Paloma:

O último médico que eu consultei disse que eu não sou bem formada pra parir. Eu comecei a sentir que o Rodolfo me desprezava por causa disso. Ah! Léó, você não imagina como isso me fez sofrer. Eu quis tanto adotar uma menina! Mas ele foi irredutível: de jeito nenhum! filho tinha que ser dele. (BOJUNGA, 2011, p. 81-82).

Verifica-se o anseio da dominação masculina pelo controle do corpo da mulher. Rodolfo, em sua concepção misógina, acha que a mulher foi feita para gerar uma vida, por isso, desprezava a esposa pelo fato de ela não ser bem formada para tal função, como se houvesse deficiência nisso. Além da recusa em criar um filho que não fosse

seu, demonstrando a necessidade do masculino gerar a perpetuação de sua espécie e de seu nome de família.

Outro trecho que marca o controle do corpo da mulher pelo homem, com a finalidade de confirmação da virilidade, fica demonstrado no capítulo “O Assassino”, em que o ex-cafetão da tia Inês tenta retomar as rédeas da vida dela e, assim, voltar a comercializar o seu corpo. Assim, com local e pessoas certas para o comércio, o assassino revela: “— Agora eu já sei em que zona ‘cê vai trabalhar para descolar mais grana do que descolava no Rio”. (BOJUNGA, 2011, p.133). Quando o ex-cafetão toma conhecimento da decisão de Inês de não mais ser explorada, se entregando à profissão de professora de dança, o narrador nos conta sobre a reação dele:

O Assassino armou uma expressão de incredulidade. Soltou uma bruta gargalhada”. [...] — Precisava ser muito burro pra não sacar; mais burro ainda para não ver logo na primeira trepada que se você era boa de dança ainda melhor era de cama. — Olhou pro quarto da tia Inês e fez um gesto de cabeça. (BOJUNGA, 2011, p. 135).

Diante da impossibilidade de submeter tia Inês à sua exploração, o assassino não vê outra alternativa senão acabar com a vida dela. Assim, tia Inês revela ao assassino seus anseios de agenciar o próprio corpo, sua capacidade de viver e prosseguir sem ele: “[...] dei a volta por cima, sim! e quis começar do zero, longe daquilo tudo, bem longe. [...] me livrei da droga e to cuidando da minha família”. (BOJUNGA, 2011, p.137-138). Nota-se que o despertar da tia Inês, em relação à exploração sexual que sofria, a decisão de retomar as rédeas da sua vida e seguir em frente sem depender da direção e proteção de um homem foi suficiente para ameaçar a virilidade do assassino. Além de que a expressão “to cuidando da minha família” revela o renascimento de uma mulher que se reconhece no seu papel de filha, irmã, tia e, sobretudo, mulher.

Percebe-se que o objetivo do assassino não era matar tia Inês, pois, se fosse perderia seu lucro através da exploração do corpo dela, conforme fica demonstrado no trecho a seguir: “— Não, minha puta, eu te quero viva e bem viva, feito sempre eu te quis; o que que eu vou lucrar de te matar? — E agarra outra vez a tia Inês, querendo arrastar ela pro quarto. [...]” (BOJUNGA, 2011, p.139). Porém, na tentativa de submeter tia Inês à sua exploração e revidando os golpes que ela possuía pela raiva havia lhe dado, “com um safanão violento ele derrubou a tia Inês no chão. — Tá pensando o quê? Que mulher é páreo, é? — Preparou o pontapé, mas Sabrina se interpôs [...]” (BOJUNGA, 2011, p.140-141). A revolta do assassinato da tia Inês revela os meandros

de uma cultura do feminicídio e da misoginia que impede a mulher de ser quem ela quer ser. A ideia de dominação masculina perpassa todas as esferas de poder, influenciando a vida social, econômica e cultural dos indivíduos. E, principalmente, criando uma sociedade misógina, que em pleno século XXI, faz com mulheres sofram violência doméstica, assassinatos e estupro cotidianamente, na maioria das vezes, pelos seus próprios companheiros.

As personagens femininas de Lygia Bojunga também demonstram a força de arregimentação social da dominação masculina imbricada na sociedade em geral, como por exemplo, dona Estefânia, representante da moral e dos bons costumes do seu bairro. Nota-se que retomando a prática dos jogos de exclusão, dona Estefânia movimenta-se no sentido de excluir Sabrina e a avó do bairro em que moravam, pois, ter uma menina prostituta e uma velha louca em sua rua ameaçava e desestabilizava a ordem. A função de fiscalizar e exercer punição àqueles que desrespeitam as normas, geralmente são atribuições do masculino. Entretanto, pode-se observar nesta narrativa mulheres exercendo suas masculinidades, sendo amparadas pelos ideais de dominação do masculino. Assim, dona Estefânia leva o documento para Paloma assinar, uma petição ao juizado, em que solicitava a remoção de Sabrina para um orfanato e da avó para um asilo, conforme observa-se no trecho a seguir:

O trabalho que tudo isso está me dando vai ser recompensado, tenho certeza. — Olhou confiante pro céu. — Como tenho certeza também de que não é só àquelas duas coitadas que eu estou prestando ajuda; é, sobretudo, à nossa formosa cidade. Afinal de contas, estamos sendo obrigadas a conviver, parede a parede, com uma situação moralmente inaceitável. [...] Você assina aqui, ó — e estendeu a caneta e o documento pra Paloma. (BOJUNGA, 2011, p. 230)

Percebe-se que se muda o discurso em diferentes culturas, mas as formas permanecem as mesmas no jogo da exclusão. A senhora tem a crença de que organizando a petição, não só estaria prestando um favor à “formosa cidade”, retirando as duas que ali representavam “uma situação moralmente inaceitável”, como “àquelas duas coitadas”. Porém, amparadas pela ausência de justificação da hegemonia do masculino, as ações do açougueiro e dos outros homens que aliciavam Sabrina em nenhum momento foram questionadas por dona Estefânia.

Nota-se que os resultados advindos do controle dos corpos pela cultura misógina geram na sociedade fatores típicos e históricos, como o estupro e a violência contra a

mulher. Portanto, pessoas que não se enquadram como as diferentes gerações de mulheres da família de Sabrina, avó, mãe, tia e a menina se veem condenadas a viver à margem de uma sociedade controlada pelas ideias de hegemonia do masculino. Para Rodolfo, representante da dominação masculina, não importava os motivos que levaram as mulheres da família de Sabrina a fazerem tais escolhas. Ele simplesmente se coloca na posição de agente do poder de decisão na vida das pessoas e dos familiares. Esta posição social que qualifica os homens como detentores do controle das ações, em especial das mulheres, é o mesmo que o fazem exercer o domínio das pessoas, das guerras e das conquistas de forma geral.

Neste contexto, Rodolfo, envolvido pela ideia de controle em seu papel de chefe das relações familiares, não aceita a decisão de Paloma em adotar Sabrina e a avó, conforme trecho a seguir:

Nas suas intermináveis reflexões, será que você nunca se lembrou de pensar que, nessa idade, uma criança já foi marcada pelo ambiente em que viveu? E que nunca mais vai se libertar dessas marcas? Nem isso você pensou, não é? Ela já é uma prostituta! E vai ser sempre! Bonitos planos você arrumou pra mim! Além de estimular meu filho para ser gay, agora está querendo trazer uma puta pra morar na minha casa. (BOJUNGA, 2011, p. 243)

Nota-se que Rodolfo subestima a capacidade de Paloma de fazer uso do “bom senso”. Para ele, era impensável a ideia de conviver com uma família que fugia ao padrão social, herdado do patriarcalismo, ou seja, uma prostituta, um filho gay e uma velha louca. Entretanto, verifica-se nas últimas páginas da narrativa que Paloma rompe com a submissão ao marido e declara ter resgatado sua identidade anulada, que permitiu a existência da “Paloma fabricada”, aquela que deveria se ajustar à dominação do marido.

A convivência de Paloma com Sabrina possibilitou um amadurecimento e a obtenção de respostas que Paloma procurava e não sabia como encontrar. A violência simbólica sofrida pelas duas mulheres nascia da mesma fonte da hegemonia masculina, apesar de se tratarem de contextos diferentes. Era necessário tomar uma posição e se livrar do controle do marido e da violência psicológica, à qual era submetida, conforme lê-se no trecho abaixo:

Quando a Paloma vê que ele já se dispõe a sair, pergunta:
— Posso saber pra onde? Abaixado, se ocupando com o zíper da mala:
— Pro Hotel da Estação. Você acaba de trazer a sua “perfilhada” Sabrina e a sua “adotada” Vó Gracinha pra esta casa. [...] Não estou a

fim de conviver nem com uma nem com a outra. —Se ergue e, afinal, olha pra Paloma: — Então, minha cara, não me resta senão dizer: até mais ver. — E acompanha o gesto de despedida com uma expressão irônica. — No dia que você voltar a ser a Paloma que eu conheci... — Mas a Paloma que você conheceu é exatamente esta que você está vendo agora. A Outra, que veio depois, foi uma Paloma fabricada pra se ajustar a você... (BOJUNGA, 2011, p. 270)

Contrariando a vontade do marido, Paloma traz Sabrina e a Vó Gracinha para morar com ela, atitude que fez Rodolfo ir para o “Hotel da Estação”, pois a casa onde moravam era herança dos pais de Paloma.

Ao final da narrativa, o narrador compartilha com o leitor suas expectativas de mudança, em relação às ideias de dominação do masculino. Assim, Paloma se despede de Rodolfo dizendo: “— É: o tempo tem sempre a última palavra. Quem sabe um dia as tuas ideias mudam? Ou, quem sabe até, as minhas? Sem dizer mais nada o Rodolfo pega a mala e sai”. (BOJUNGA, 2011, p. 272). Para a personagem só o tempo é capaz de desfazer o ideal de enaltecimento da hegemonia masculina, representado pelo marido, ou quem sabe mudar as suas ideias, as quais não se enquadram mais no modelo masculino de sociedade.

Considerações Finais:

Neste trabalho procurou-se compreender a ideia da construção das masculinidades, examinando a relação dos personagens com as representações do masculino, já que estas constituem estratégias culturais que podem demonstrar o papel assumido pelo homem ou pela mulher no contexto sociocultural. Esses variados tipos de masculinidades ficam evidenciados nos comportamentos de homens e mulheres. Em *Sapato de Salto*, Rodolfo revela o modelo de representação da masculinidade hegemônica existente na sociedade ocidental. As personagens femininas como dona Matilde e dona Estefânia, embora mulheres, assumem suas masculinidades subalternizando-se às vontades dos homens e do patriarcado que conduzem suas ações. Paloma e Inês, depois de aceitarem seu lugar de subalternidade ao poderio masculino se rebelam, tentando produzir novas versões delas mesmas. Inês paga com a própria vida para ser livre, enquanto que Paloma encarnaria a visão de um futuro melhor para uma personagem feminina. Na inauguração de uma família disfuncional formada por Paloma, Andrea Dória, Sabrina e a Vó Gracinha talvez esteja a possibilidade de se libertar do jugo masculino e pensar em novas possibilidades de feminilidades.

Referências:

- ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.
- BOJUNGA, Lygia. **Sapato de salto.** Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011. 272p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** Tradução Maria Helena Kühner. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CONNELL, Robert W. **Políticas das masculinidades.** Revista Educação e Realidade. Jul./dez. 1995.
- KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>. Acesso 04/08/2017.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade clássica.** Editora Perspectiva. Disponível em:
<http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>. Acesso em: 09/08/17.
- SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul. /dez. 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/166076717/3-Livro-Um-Corpo-Estranho-Guacira-Lopes-Louro>. Acesso em: 08/08/2017.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. **Discursos sobre a masculinidade.** Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/145714496/Discursos-Sobre-a-Masculinidade-Pedro-Paulo-de-Oliveira>. Acesso em 08/08/2017.